

Cartas (anti)dialogicas: politizando a práxis do Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire.

Marco Mazzarotto (UTFPR, Brasil)
marcomazzarotto@gmail.com

Bibiana Oliveira Serpa (ESDI/UERJ, Brasil)
bibianaoserpa@gmail.com

Cartas (anti)dialogicas: politizando a práxis em Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire.

Resumo: A pedagogia crítica de Paulo Freire pode contribuir para politizar a reflexão e a prática do Design, promovendo uma práxis voltada a desvelar os sistemas de opressão e produzir intervenções transformadoras. Freire nos ajuda a refletir sobre o porquê e para quem projetamos e nos provoca a questionar os processos de design como anti-dialogicos, reforçando as opressões; ou dialogicos, promovendo alianças com os oprimidos na luta pela superação de situações opressoras. Para auxiliar designers a debaterem e se apropriarem criticamente dessas práticas e conceitos, propomos um material educativo composto por 16 cartas reflexivas baseadas na pedagogia crítica de Freire. Ao longo deste trabalho, apresentamos as bases teórico-práticas que aproximam Freire e Design, o conteúdo das cartas, sugestões de utilização e um caso real de aplicação.

Palavras-chave: Pedagogia crítica. Design e política. Ação dialogica.

(Anti)Dialogical Cards: politicizing Design praxis through Paulo Freire's critical pedagogy

Abstract: *Paulo Freire's critical pedagogy can contribute to politicize the reflection and practice of Design, promoting a praxis aimed at unveiling systems of oppression and producing transformative interventions. Freire helps us reflect on why and for whom we design and provokes us to question the Design processes as anti-dialogic, reinforcing oppressions; or dialogic, promoting alliances with the oppressed in the struggle to overcome oppressive situations. To help designers critically debate and appropriate these practices and concepts, we propose an educational material composed of 16 reflective cards based on Freire's critical pedagogy. Throughout this paper, we present the theoretical and practical bases that bring Freire and Design together, the content of the cards, suggestions for use and a real case of application.*

Keywords: *Critical pedagogy. Design and politics. Dialogical action.*

1. Introdução

Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro com reconhecidas contribuições para a pedagogia crítica e popular. Essa pedagogia aproxima educação e política, entendendo política não apenas como o que se faz dentro do sistema democrático representativo ou durante as eleições, mas principalmente como as relações que criamos e as decisões que tomamos em todos os aspectos da nossa vida. Política envolve relações de poder, que podem ser utilizadas para oprimir ou para libertar (Kohan, 2019).

Com base em Freire (1970), entendemos que politizar a educação por meio da pedagogia crítica implica em tomar consciência das relações de poder que nos cercam e, a partir da contradição oprimido-opressor¹, reconhecer o opressor que pode existir dentro de nós, assim como reconhecer aqueles que nos oprimem. Tais opressões nos impedem de exercer nossa vocação ontológica, de sermos seres livres para si, livres para desenvolvermos nossas plenas capacidades e desejos, de *sermos mais*. Longe de ser uma disputa que ocorre somente na esfera individual, a superação destas relações opressoras e a conquista do *ser mais* deve ser concretizado na luta coletiva. Defendemos aqui uma pedagogia forjada COM os oprimidos e não PARA eles, na luta incessante pela recuperação de sua (nossa) humanidade.

A pedagogia crítica Freireana, portanto, não está apenas dentro da sala de aula, mas pode ser reconhecida em todos os aspectos da nossa vida, nos guiando na busca por desvelar o mundo que vivemos e transformá-lo no mundo que queremos: um mundo livre de opressões. Da mesma maneira, aproximar Freire e Design não pode ser visto apenas como uma forma de repensar a educação de designers. Entrelaçar a pedagogia crítica Freireana e o Design implica em politizar como fazemos e pensamos design, em entender as relações de poder opressoras ou libertadoras que são exercidas, e tomar partido. Em um mundo de opressores e oprimidos, a quem o seu design serve? Por que você projeta?

Tão importante quanto o “porquê” é o “como”. Como o Design perpetua as opressões? E como pode auxiliar nas lutas pela libertação? Não podemos praticar a Educação e o Design engajados na luta pela libertação se os nossos processos, mesmo que bem intencionados, são opressores.

- 1 Paulo Freire apresenta o oprimido e o opressor, ao mesmo tempo, como indivíduo e grupo social. A contradição opressor-oprimido expressa relações de poder e de disputa, em constante movimento. Quando, ao longo do texto, nos referimos aos oprimidos, não o fazemos de forma a estigmatizar o status da opressão sofrida, evocamos esse grupo porque é nesses sujeitos que reconhecemos a vocação política de luta para a superação da opressão e a transformação da realidade.

A partir destas provocações, este trabalho apresenta um material educativo desenvolvido para auxiliar na aproximação entre a pedagogia crítica de Freire e o campo do Design. O material é formado por cartas reflexivas que apresentam conceitos que ajudam a problematizar a reflexão e a prática do Design, questionando e desvelando os “porquês” e “comos” envolvidos. Baseado na teoria da ação dialógica (Freire, 1970), o material é composto por dois grupos de cartas, um com conceitos dialógicos – voltadas para ações alinhadas com a superação das opressões; e o outro com cartas que apresentam conceitos anti-dialógicos – ações que, mesmo bem intencionadas, reforçam opressões.

Ao longo deste trabalho apresentaremos de forma mais detalhada as cartas, seu conteúdo e possíveis formas de aplicação. Um caso real de uso também será descrito. Antes, porém, vamos aprofundar a compreensão das aproximações possíveis entre a pedagogia crítica freireana e o Design.

2. Aproximações entre a Pedagogia Crítica Freireana e o Design

O começo dos anos 1960 foi um momento de agitação social, cultural e política e também trouxe grande impacto para as formulações educacionais. No Sul Global Ocidental², acirraram-se as lutas populares por independência nos países africanos, que ainda estavam sob domínio colonial europeu, enquanto que, na América Latina, após a ascensão de governos populares, consolidaram-se duros golpes militares apoiados pelo governo estadunidense. Todas as disputas, tensões, resoluções e manifestações que conformam essa década, são determinantes para que Da Silva (1999) a reconheça como marco temporal fundador das pedagogias críticas, mesmo que seja enfático em reconhecer que as correntes anteriores já apontavam reflexões críticas sobre a realidade.

Neste período, enquanto os intelectuais e educadores do Norte Global colocavam em “questão os pressupostos dos arranjos sociais e educacionais” (Da Silva, 1999, p. 10) impulsionados pelas críticas sociais e movimentos por mais direitos que tomavam as ruas dos EUA e da França, na América Latina as urgências contextuais deslocam a reflexão para fora da institucionalidade e a remontam ao redor da educação popular. No Brasil, Paulo Freire é um dos principais nomes da pedagogia crítica e popular. Nordestino, educador

- 2 As categorias de Sul e Norte aqui não representam necessariamente a localização geográfica, mas implicam em um entendimento de diferentes condições de formação e desenvolvimento dos países e regiões, a partir de seu envolvimento nos processos capitalista e colonialista que conformam a ordem global.

e sociólogo, ele desenvolveu durante a década de 1960 uma metodologia de alfabetização de adultos que se tornaria uma das referências pedagógicas mais respeitadas do mundo. A sua proposta pedagógica é comemorada não apenas por sua eficácia em ensinar a aprender a ler e escrever, mas, também, pela revelação crítica que a abordagem propõe. Mais do que aprender a ler e escrever palavras, o objetivo da pedagogia crítica Freireana é que as pessoas aprendam a ler o mundo e escrever sua própria história.

O que está por trás dessa pedagogia é a percepção da existência de um mundo injusto, desigual e opressor. Para Freire (1970), nossa vocação ontológica é a humanização, processo que nos leva a *ser mais*, seres que possam viver para si e não para outros, seres históricos, autobiográficos, livres para se transformar e se desenvolver justamente em função da nossa incompletude. Com afirma Leitão, essa é também a pulsão que deve nos levar a projetar o mundo e transformá-lo por meio do Design:

Desse sentimento de incompletude, falta ou insatisfação emerge o desejo de mudança que é o gatilho para projetar, ou seja, criar coisas que poderiam mudar e, em última instância, melhorar a situação. É nosso desejo de completude que faz dos seres humanos seres criativos que criam coisas e agem sobre o mundo para transformá-lo (Leitão, 2020, p. 5, tradução nossa)³.

Porém, essa vocação para buscar *ser mais* é constantemente e historicamente negada pelas opressões, por tudo aquilo que cerceia nossa liberdade de nos desenvolvermos e de sermos seres para si, em um processo de desumanização. Em vez de vivermos a liberdade, estamos presos na contradição entre opressores – aqueles que precisam explorar outros para viver; e oprimidos – aqueles que têm a sua liberdade de viver para si negada. Essa contradição desumaniza ambos, nas mais diversas esferas humanas: sexual, econômica, étnica-racial, religiosa, territorial, etc.

A pedagogia crítica tem como propósito auxiliar no desvelamento dessas relações de poder opressivas para que possamos lutar pela sua superação. É, portanto, uma pedagogia da práxis, da reflexão e ação amalgamadas de forma indissociável, na busca pelo resgate da nossa humanidade coletiva negada pelas opressões. Este processo pedagógico não ocorre só entre os muros das escolas, mas em diferentes áreas da vida, incluindo nossas práticas de

3 No original: “From this feeling of incompleteness, lack or dissatisfaction emerges the desire of change that is the trigger to design— i.e., to create things that could change, and ultimately improve, the situation. It is our yearning for completion that makes humans creative beings who create things and act upon the world to transform it”.

design dentro e fora das universidades. Freire coloca para a educação uma decisão política: lutar contra as opressões ou continuar auxiliando na sua perpetuação. A mesma decisão política cabe a nós designers: por quê e para quem projetamos?

Aproximar Pedagogia Crítica e Design é desmontar as crenças de neutralidade e práticas despolitizadas. No entendimento de Freire (2007), insistir em uma noção de educação supostamente neutra é treinar pessoas para vivências apolíticas. À medida que compreendemos a realidade sócio-histórica, incorporamos valores, reproduzimos e forjamos cultura e orientamos nosso comportamento para este determinado tipo de apreensão do mundo. Sendo assim, a suposta neutralidade envolve escolhas ocultas, veladas pelo cinismo conservador. Como aponta Fry (2007), o Design é profundamente político, de maneira que ou serve ao *status quo*, ou o subverte. Ao invés da compreensão do Design como neutro, e por isso acrítico e apolítico, Freire nos convoca para um processo de conscientização crescente na busca por entender que mundos o Design ajuda a criar e que mundos ele ajuda a destruir. A primeira contribuição de Freire ao Design é, portanto, de natureza ontológica-política.

Lutar pela superação das opressões é a força que guia a pedagogia crítica, é o porquê da sua existência. Mas para Freire, tão importante quanto o porquê, é o como. A educação libertadora não pode utilizar as mesmas práticas opressoras da educação bancária, na qual os educandos são vistos como sujeitos passivos e ignorantes que recebem depósitos de conhecimentos externos, reforçando assim a contradição opressor-oprimido. Pelo contrário, a educação libertadora pressupõe educando e educador engajados em processo de construção conjunta dos conhecimentos, baseada na realidade que os educandos já conhecem, e nas contribuições que o educador pode dar, em um processo de síntese cultural onde todos ensinam e aprendem. Freire (1970) nos ensina que na pedagogia crítica ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, as pessoas se educam entre si, mediatizadas pelo mundo. Esta prática educativa deve transformar o mundo e superar as opressões de forma horizontal, colaborativa e dialógica com os oprimidos, de forma a fortalecer todos os sujeitos envolvidos. A segunda contribuição de Freire para o Design é, portanto, de natureza epistemológica, afirmando que a produção desses entendimentos, conhecimentos e decisões precisa ser dialógica. Não basta desenvolver artefatos alinhados às lutas contra opressão, o processo de design que conforma esses artefatos também precisa ser libertador.

A práxis do design sob influência da epistemologia freireana é sempre participativa, mas não a participação atual cooptada pelo sistema capitalista, na

qual usuários e consumidores são convidados a dar suas opiniões e ideias, que serão consideradas desde que permitam o design de novos produtos e serviços que perpetuem a mesma lógica de consumo atual, uma participação falsa pautada em um diálogo seletivo, onde apenas o que interessa aos stakeholder com poder no processo decisório será ouvido e aproveitado. A participação freiriana é radical, pautada no diálogo realmente horizontal, interessado e aberto para todas as possibilidades de mudança, desvelando as contradições nas quais o próprio design se encontra e lutando pela superação destas, em busca de uma práxis engajada com a emancipação de todas as pessoas envolvidas.

A partir do entendimento da relação oprimido-opressor, Freire (1970) desenvolve duas bases teóricas para a ação transformadora: uma a partir da matriz antidialógica, que atuaria na manutenção da relação opressor-oprimido, e outra de orientação dialógica, que poderia levar à superação desta contradição.

A ação antidialógica é necessariamente uma ação hierárquica. Essa ação muitas vezes é bem sucedida porque se engaja em uma espécie de mimetismo, evocando práticas de diálogo que são, na verdade, uma série de comunicados impostos de um grupo a outro. Esses enunciados resultam em uma domesticação dos desejos e das possibilidades de conscientização e de ação do grupo oprimido. Freire (1970) afirma que “uma das características destas formas de ação, quase nunca percebidas por profissionais sérios, mas ingênuos, é a ênfase na visão localista dos problemas e não na visão deles como dimensão de uma totalidade”. É importante ressaltar a relação desta perspectiva com a noção dos “problemas de design”, que muitas vezes são reduzidos e desprovidos da sua complexidade dentro dos sistemas de opressão para que possam ser docilizados e melhor manejados na busca por “soluções”. Qualquer participação que ocorre nesses casos não pode ser crítica, porque não politiza e não é emancipatória, busca apenas validar as intenções do grupo opressor e a manutenção do sistema.

Ao contrário, a ação dialógica propõe pensar e agir com os oprimidos e esse seria um caminho rumo à superação das opressões. Segundo Freire, não basta pensar em torno das necessidades dos oprimidos, o que seria uma postura de “senhor”; é necessário que se empreenda um esforço de pensar com os oprimidos a partir das necessidades postas, este seria uma prática camarada, que se coloca na luta pela superação da opressão. O diálogo com os oprimidos não é prática de concessão, nem doação altruísta, mas uma dinâmica pedagógica de transformação de si e um exercício do poder individual e coletivo para transformação da realidade de opressão. É uma prática que se faz com humildade, com interesse genuíno de ouvir e

aprender, e que reconhece todos como sujeitos históricos capazes de escrever suas próprias histórias e, mais que isso, confia na ação coletiva para a transformação da realidade.

Paulo Freire explica o caráter político da intervenção coletiva no mundo a partir das teorias de ação cultural. O valor fundamental da educação (e de toda prática política, daí se pode pensar no Design também) não consiste em simplesmente fazer coisas para intervir no mundo, mas questionar em favor de quê ou de quem esta ação ocorre. E aqui é importante ressaltar que uma postura em favor de algo ou de alguém invariavelmente implica em um posicionamento contra algo ou alguém.

Concluindo, a pedagogia crítica Freiriana nos ajuda a pensar e fazer Design a partir de outras perspectivas ontológicas e epistemológicas, politizando nossas ações e nos direcionando para a compreensão e intervenção no mundo de forma dialógica na busca da superação das opressões. O potencial do entrelaçamento da pedagogia Freireana com o Design é reconhecido, por exemplo, no surgimento do próprio Design Participativo escandinavo no Norte Global (Ehn, 1988; Gregory, 2003). E, recentemente, essa relação também vem sendo reivindicada como grande contribuição de um pensador do Sul Global para decolonizar o Design (Smith, 2020; van Amstel; Gonzatto, 2020; Salazar; Huybrechts, 2020; Schultz et al., 2020; Serpa et al., 2020).

Neste ensejo, quando Paulo Freire volta a ser debatido e resgatado em suas articulações com o campo do Design, apresentamos o material educativo como uma proposta para trabalhar conceitos e perspectivas Freireanas com designers em formação ou em práticas projetuais que busquem reformular o Design como campo orientado à emancipação dos sujeitos.

3. Conceitos selecionados para o material educativo

Para dar conta de trabalhar temas complexos da pedagogia crítica com designers em formação ou que estão engajados em práticas participativas emancipatórias, desenvolvemos um material educativo composto por cartas que têm base nos preceitos ontológicos, epistemológicos e práticos que nos inspiram no trabalho de Paulo Freire.

Estes conceitos se apoiam na teoria da ação dialógica e anti-dialógica, que é base de seu pensamento. O material é composto por 16 cartas, sendo sete duplas (14 cartas) que apresentam conceitos antagônicos e 2 cartas com métodos de ação dialógicos.

Os conceitos e práticas selecionados buscam alicerçar um debate sobre a teoria de Paulo Freire. As duplas opostas (quadro 1) não devem ser lidas de forma estanque ou como cartas que carregam em si o bem e o mal. A

intenção das cartas é propor um debate acerca dos conceitos de modo que provoque uma reflexão e inicie um processo de conscientização e politização. Nas seções 3.1 a 3.7 apresentamos em profundidade as duplas de conceitos a partir da relação contraditória que carregam e como se relacionam de forma antagônica.

Quadro 1. Conceitos dialógicos e anti-dialógicos selecionados para compor o material educativo.

Ação dialógica	Ação anti-dialógica
Síntese cultural	Invasão cultural
Temas geradores	Tema do silêncio
Práxis	Bla Bla Bla e Ativismo
Desvelamento	Situações limite
Humildade	Educação bancária
Solidariedade	Empatia
Liderança dialógica	Liderança anti-dialógica

FONTE: dos autores.

Já os termos expostos no quadro 2 indicam métodos para ação dialógica elaborados por Paulo Freire e que podem servir de inspiração para práticas de design politicamente engajadas e críticas. Eles também serão explicados na seção 3.8.

Quadro 2. Métodos para a ação dialógica

Métodos para ação dialógica
Codificação / Decodificação
Círculos de cultura

FONTE: do autores.

3.1 Síntese cultural X Invasão cultural

Podemos pensar o projeto de design como uma ação cultural que afetará um determinado grupo de pessoas em um contexto particular. Toda ação cultural é uma forma sistematizada e deliberada de ação que afeta uma estrutura social, seja para superar as contradições que impedem a libertação das pessoas, seja para mitificar o mundo, promovendo uma cultura alienada e alienante em relação às massas oprimidas. A síntese cultural opera na primeira intencionalidade, e é a incidência da ação dos sujeitos sobre uma

determinada realidade para propor mudanças estruturais na cultura daquele grupo de forma dialética e dialógica, cujo resultado é a síntese das diferentes vozes envolvidas. De forma oposta, a invasão cultural ocorre na penetração dos invasores no ambiente cultural dos invadidos, objetivando-os e desenraizando sua criatividade e limitando sua ação transformadora e crítica, impondo como única e superior a cultura imposta de fora.

Carta “Síntese cultural”: é o resultado do diálogo entre as comunidades oprimidas e designers externos. Não é uma invasão cultural, mas também não é omitir-se, é uma construção coletiva na luta contra a opressão.

Carta “Invasão cultural”: é a imposição de valores, técnicas e conhecimentos do exterior, substituindo a cultura local e eliminando a criatividade dos oprimidos. Mesmo com boas intenções, o designer invasor tenta impor aos invadidos a forma correta de ser e de transformar o mundo.

3.2 Temas geradores X Tema do silêncio

Para Freire, a educação para a libertação deve começar o processo de conscientização a partir dos interesses, conhecimentos e cultura dos próprios oprimidos, e não por temas externos pouco conectados às suas vidas. A identificação destas situações existenciais ajuda a propor temas geradores para a construção de novos conhecimentos de forma crítica e dialógica. Porém, a situação opressiva em que se encontram pode ser tão avassaladora que os oprimidos podem considerar que nada que saibam ou que faça parte de suas vidas têm valor, provocando o silêncio. Nesse caso, o tema do silêncio e suas causas deve ser a primeira questão a ser superada.

Carta “Temas geradores”: é a seleção colaborativa e dialógica dos temas para discussão e para o desenvolvimento dos projetos de design. São situações existenciais pelas quais passam os oprimidos, e que fazem parte de sua realidade e interesse. Estes não são temas impostos pelo designer.

Carta “O tema do silêncio”: a opressão diária pode levar à incapacidade dos oprimidos de expressar suas opiniões ou mesmo de escolher os temas a serem discutidos. O silêncio e suas causas deve ser o primeiro tema a ser discutido quando isso ocorre.

3.3 Práxis x Blá Blá Blá e Ativismo

Para Freire, a transformação crítica do mundo só pode acontecer por meio da práxis, a interação radical entre ação e reflexão, a práxis é orientada pela palavra que critica o mundo de forma a transformá-lo.

A palavra inautêntica, por outro lado, com que não se pode transformar a realidade, resulta da dicotomia que se estabelece entre seus elementos constituintes. Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação,

sacrificada, automaticamente, a reflexão também se transforma em palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação (Freire, 1970, p. 87).

Carta “práxis”: a interação radical entre a reflexão e a ação. Somente a ação é ativismo, sem diálogo e sem pensamento crítico. Somente a reflexão é verbalismo, apenas “blá, blá, blá”, sem mudar o mundo. A práxis é transformar o mundo ao mesmo tempo em que se pensa criticamente sobre ele e como transformá-lo.

Carta “Blá blá blá e ativismo”: blá blá blá é tentar mudar o mundo apenas com palavras. Ativismo é tentar mudá-lo com ações irrefletidas. Somente a ação e a reflexão juntas (práxis) podem levar a um diálogo crítico e conscientizador sobre as transformações de que precisamos.

3.4 Desvelamento X Situações limite

Em outro trabalho apontamos que o desvelamento aplicado ao Design consiste na problematização constante para evidenciar a quem ou a quê esse Design serve, identificando, assim, as dimensões políticas de artefatos e de conceitos do Design, e como eles se posicionam na contradição opressores-oprimidos (Serpa & Mazzarotto, 2021). Freire nos ensina sobre a tessitura social como um processo de desvelamento e capacidade de ação, nas suas palavras, é “o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo” (Freire, 2007, p. 76). Sem esse desvelamento, as situações de opressão podem se tornar situações limite, aparentando ser imutáveis, como se fossem naturais e permanentes, e não como construções históricas que podem ser superadas.

Carta “desvelamento”: nada é neutro, tudo é político. Desvelar é o processo de questionar e desenvolver a consciência crítica, identificando se nossas práticas de projeto reforçam a opressão ou ajudam na luta contra ela.

Carta “situação limite”: são situações concretas que nos oprimem e nos limitam. Parecem ser labirintos sem saída que podem levar ao fatalismo, desmotivando os participantes e levando à crença de que não podemos mudar o mundo. Mas “o mundo não é, o mundo está sendo”, nossas ações nos trouxeram até aqui e outras escolhas podem nos levar a um mundo diferente.

3.5 Humildade X Educação Bancária

Para Freire (2001), a humildade expressa que ninguém é superior a ninguém. Essa é a condição essencial para respeitar as demais pessoas e seu papel como participantes em qualquer processo político-educativo para que o diálogo

realmente possa ser horizontal. No eixo oposto, a arrogância leva à educação bancária, que perpetua a crença de que existem pessoas que dominam os conhecimentos completamente e outros que nada sabem, e que educar é depositar conhecimentos de uma para a outra, em uma atitude prescrita que suprime a criatividade dos oprimidos.

Carta “humildade”: ninguém sabe tudo, ninguém é ignorante. Todos têm algo a aprender e algo a ensinar. Como designers, não somos salvadores e não podemos resolver todos os problemas por conta própria.

Carta “educação bancária”: educação que entende “conhecimento” como uma doação daqueles que pensam que sabem (educadores, designers) para aqueles que pensam que não sabem nada (aprendizes, usuários). O ato de depositar, transferir, transmitir valores e conhecimentos de um para outro, sem um diálogo crítico e transformador.

3.6 Solidariedade X Empatia

Em uma prática relacional em projetos de design, Serpa e Batista (2021) reconhecem a empatia como uma noção restrita ligada à ação antidialógica e defendem a solidariedade como uma prática dialógica. Em processos empáticos, o designer é dotado de agência exclusiva e atua como sujeito enquanto os outros participantes, usuários, são reificados e seu contexto histórico, político e social é colocado no abstrato para servir aos objetivos do projeto de design. Isto impede uma compreensão das situações opressivas e elimina a agência dos sujeitos, ocultando as estruturas dialéticas de opressão que atuam sobre uma determinada situação. Em contraste, a noção de solidariedade é um princípio ético que deve orientar os processos de design engajados e politizados. A solidariedade é uma ação de responsabilidade política para o reconhecimento crítico das opressões e para a superação da contradição opressor-oprimido. A solidariedade é parte de uma prática dialógica de Design porque possibilita uma aliança entre diferentes sujeitos no desvelamento da realidade e no enfrentamento de situações de opressão.

Carta “Solidariedade”: se empatia é “sentir a dor dos outros”, solidariedade é reconhecer essa dor, ser solidário com ela e unir forças na luta para superá-la. Trata-se de ajudar a fortalecer as pessoas na luta contra a opressão, em vez de mantê-las fora do processo só porque você está “usando os sapatos dela”.

Carta “Empatia”: é sentir a “dor dos outros” antes de projetar. A empatia pode ser uma desculpa para não envolver ativamente as pessoas durante o projeto porque os designers já “sabem como é ser o outro”. A ação dialógica não precisa de empatia, mas de solidariedade.

3.7 Liderança dialógica X Liderança anti-dialógica

Freire (1970) deposita grande importância no papel da liderança nos processos de libertação, seja ela um líder revolucionário, um educador em sala de aula ou um designer mediando processos colaborativos. No entanto, não é qualquer liderança que serve aos interesses das massas oprimidas. Há aqueles que recorrem a métodos opressivos para impor suas vontades, mas o que Freire defende é, pelo contrário, uma liderança capaz de criar espaços onde as vozes oprimidas também sejam consideradas.

Carta “Liderança dialógica”: Freire acredita na liderança como um papel fundamental para a transformação. Ele defende uma liderança que ajude a criar ambientes de diálogo onde as decisões são construções coletivas. Este tipo de liderança não abre mão de sua responsabilidade de coordenar, mas não a confunde com a imposição de sua vontade.

Carta “Liderança anti-dialógica”: mesmo com boas intenções, é a liderança que guia o grupo sem discussão crítica e coletiva da realidade, sem desvelamento, sem construção colaborativa das ações, sem diálogo. Mesmo lutando contra a opressão, é a liderança que age de forma opressiva.

3.8 Métodos para ação dialógica

Pensando em apresentar ações que nos ajudem a propor práticas engajadas e politizadas, resgatamos duas propostas de Freire (1967) que, coerente com sua defesa da práxis, pautou o desenvolvimento de suas teorias de forma integrada com novos métodos para a intervenção crítica na realidade, como os Círculos de Cultura e Codificação/Decodificação. Essas cartas apresentam práticas que podem ser mobilizadas para ações dialógicas, portanto não operam na lógica de dupla antagônica, mas de propostas para uma prática engajada da pedagogia crítica, ou do Design na perspectiva libertadora.

Carta “codificação / decodificação”: a codificação é a representação dos temas generativos através de propostas artísticas, lúdicas e que conversam com formas de expressão múltiplas, como fotografias, ilustrações, peças de teatro, etc. A decodificação é o processo de investigar criticamente estas representações a fim de desvendar as relações de opressão que nelas existem.

Carta “Círculos de cultura”: é o espaço horizontal onde os temas generativos são discutidos e desvendados. A liderança é apenas a coordenação que incentiva o diálogo, tornando-o cada vez mais problemático. Para isso, os temas são codificados (representados visualmente) e decodificados (debatedos até serem revelados).

4. Cartas (anti)dialógicas

Com base nos conceitos apresentados anteriormente, e no texto definido para cada uma das cartas, foi desenvolvido o material educativo. Neste tópico discutimos o seu propósito e objetivos pedagógicos, as escolhas visuais para composição das cartas e algumas sugestões de uso⁴.

4.1 Propósito

As cartas de reflexão (anti)dialógicas são um material educativo desenvolvido para ajudar na reflexão crítica sobre como fazemos e pensamos Design. Diferente de *toolkits* famosos provenientes do Norte Global, ele não traz uma visão ferramental pronta para ser replicada como um passo a passo. Baseado na pedagogia crítica de Paulo Freire, as cartas reflexivas buscam problematizar e questionar nossas escolhas dentro de uma situação de ensino-aprendizagem ou de projeto. Não existe um método para ser seguido ou frameworks prontas para serem usadas, mas apresentam conceitos que nos ajudam a identificar quando nossas ações são dialógicas ou anti-dialógicas e como podemos caminhar rumo a uma prática de design cada vez mais emancipatória. A partir da discussão desses conceitos, podemos refletir sobre nossas ações em projetos anteriores, analisar situações e planejar outras formas de agir em projetos futuros.

Os objetivos deste material educativo consistem em:

- Fomentar reflexões críticas sobre práticas anteriores e atuais do Design, identificando opressões e refletindo sobre formas de lutar contra elas.
- Auxiliar na introdução a conceitos da pedagogia crítica de Paulo Freire.
- Incentivar formas contra-hegemônicas e decoloniais para a práxis do Design.

4.2 Conteúdo do material educativo

Na sua versão atual, o material conta com 16 cartas. As cartas estão organizadas em sete duplas opostas (14 cartas), referindo-se a práticas ou conceitos dialógicos ou anti-dialógicos, além de 2 cartas que representam métodos para ação dialógica elaborados por Paulo Freire e que podem servir de inspiração para práticas de design politicamente engajadas e críticas. No futuro, o material pode ser expandido de forma a contemplar outros conceitos e propostas metodológicas do trabalho de Paulo Freire. A seguir são apresentadas as versões em português das cartas que compõem o material, dividido em “Cartas dialógicas” (figura 1) e “Cartas Anti-dialógicas” (figura 2):

4 O material completo está disponível em inglês e português no site da Rede Design e Opressão. Consultar: designeopressao.org/cartasdialogicas



FIGURA 1. 9 cartas reflexivas com conceitos para a ação dialógica.

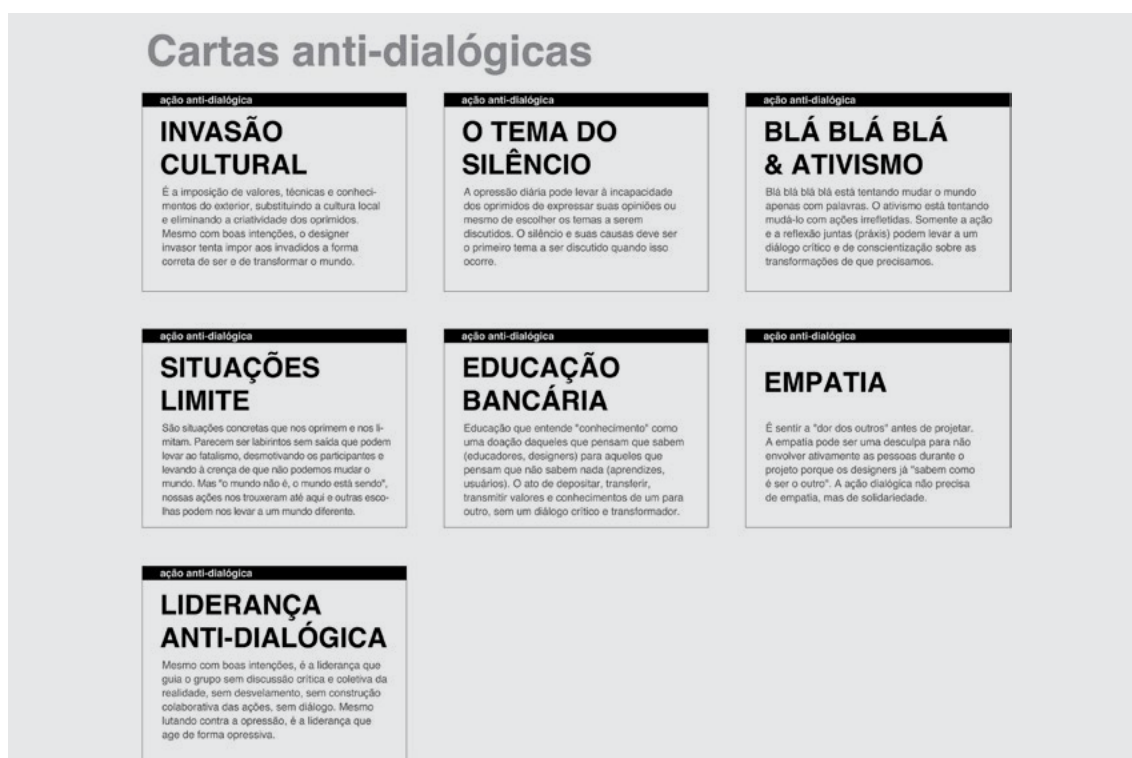


FIGURA 2. 7 cartas reflexivas com conceitos para a ação anti-dialógica.

4.3 Identidade visual das cartas

Os dois grupos de cartas reflexivos apresentam identidades visuais diferentes. Essas escolhas não são inocentes e visam também provocar reflexões.

As cartas anti-dialógicas são compostas pela tipografia Helvética, ícone do Modernismo e da ideologia de um design universal, minimalista, neutro e funcionalista (HUSTWIT, 2007). Essa concepção de design alega que seus princípios formam uma linguagem simples, acessível a todos e desprovida de especificidades culturais ou expressividades que atrapalhem o seu uso (GRUSZYNSKI, 2001). Porém, sob uma leitura crítica fomentada pelas cartas reflexivas da invasão cultural e do desvelamento, esses valores podem ser problematizados como valores do Norte Global Ocidental impostos como forma de apagar e substituir outras formas de expressão e comunicação visual.

Apresentando um visual oposto, as cartas dialógicas são compostas pela tipografia Brasilêro, além de apresentarem uma paleta de cores diversificada e fundos com texturas e ruídos. Essa tipografia foi criada pelo designer brasileiro Crystian Cruz com base em artefatos de comunicação popular brasileira (CRUZ, 2021). A fonte apresenta irregularidades, excessos e inconsistências que são vistas como erros por um paradigma conservador de design. Sua criação misturando técnicas hegemônicas de design, como a criação de fontes digitais, valorizando aspectos da cultura fora do eixo hegemônico, pode ser vista como um bom exemplo para a carta de síntese cultural. Por outro lado, há críticas que podem surgir, a partir do desvelamento, como: por que uma fonte baseada em populações oprimidas precisa necessariamente ser pouco refinada na sua forma? Ou por que transformar uma estética popular em algo replicável de forma digital? Independente da resposta a esses questionamentos, o objetivo das cartas é justamente levantar essas discussões.

4.4 Algumas sugestões de usos

As cartas reflexivas são um material educativo aberto, podendo ser utilizado de inúmeras formas conforme os objetivos pretendidos, o tempo disponível, o perfil dos participantes ou a criatividade do mediador. Sem a pretensão de esgotar as possibilidades, algumas sugestões de uso são:

Mediação de debates sobre experiências em projetos de design. Em grupo, as cartas podem ser utilizadas para cada participante refletir sobre experiências em projetos de design vividas ou atuais. Cada participante pode escolher uma ou mais cartas para analisar criticamente um caso ou partes de um processo.

Glossário de conceitos da pedagogia crítica. Para aulas introdutórias que visam trabalhar o entrelaçamento entre a pedagogia crítica e o Design, as

cartas podem servir como um material de síntese que apoie as leituras dos textos originais de Paulo Freire, apresentando os conceitos de forma organizada e resumida. Além disso, também pode ser usado para trabalhos em grupo, dividindo-os entre equipes que possam pesquisar os conceitos profundamente, identificar exemplos e fazer apresentações, promovendo o diálogo entre os grupos.

Material de autoavaliação crítica. Durante a realização de projetos de design, as cartas podem ser usadas pelos participantes para refletirem criticamente sobre as decisões e ações que precisem ser realizadas ou sobre situações desafiadoras que surgirem.

Quanto à mídia, as cartas podem ser usadas de forma digital, em atividades online, ou impressas para atividades presenciais. Quanto à quantidade de cartas, os mediadores podem escolher um número menor dependendo do tema da atividade ou do tempo disponível.

Além disso, é importante apontar que toda alteração ou complementação no conteúdo das cartas, assim como o acréscimo de outras, não é só bem vindo pelos autores deste trabalho, como fortemente recomendada. Como defende Freire, “para seguir-me, o fundamental é não seguir-me” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

5. Aplicações e feedback

Até o momento, as cartas de reflexão (anti)dialogicas foram aplicadas em três ocasiões diferentes. A primeira aplicação, que originou as cartas, foi no curso *Designs of the Oppressed*, promovido pela Rede Design & Opressão, da qual somos co-fundadores. O segundo contexto de uso foi em uma atividade com o Laboratório de Design Jurídico da Universidade de São Paulo, com quem a Rede Design & Opressão vem desenvolvendo trabalho conjunto. A terceira experimentação aconteceu em uma aula do curso *Current Critical Theory for Design*, na Oslo School of Architecture and Design, quando Marco Mazzarotto, primeiro autor deste trabalho, foi convidado para conversar com os estudantes sobre Paulo Freire e Design. Em todos os casos, as cartas serviram para mediar um debate crítico sobre experiências passadas dos envolvidos, servindo também como introdução aos conceitos da pedagogia crítica Freireana, já que a maioria dos participantes ainda tinha pouco contato com sua obra. Ao final de todas as experiências, foi perguntado aos participantes como se sentiram com a conversa mediada pelas cartas, se eles ajudaram na atividade e como eles poderiam ser melhorados.

As cartas foram primeiramente desenvolvidas para uma atividade do curso *Designs of the Oppressed*, promovido pela Rede Design & Opressão e oferecido em inglês por pesquisadores brasileiros para a comunidade

internacional interessada nas relações entre design e opressão. Os principais autores abordados foram Paulo Freire, Augusto Boal e Álvaro Vieira Pinto. Em uma das aulas sobre Design Participativo e opressão, as cartas foram utilizadas para mediar a reflexão crítica e o debate sobre experiências dos participantes com Design Participativo. Antes do encontro síncrono, os participantes foram convidados a relatar uma experiência de Design Participativo nos canais de texto da plataforma Discord, que estava sendo utilizada ao longo do curso. Como tarefa, os participantes também deveriam ler alguns capítulos do livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. Na segunda metade do encontro síncrono, após a discussão teórica do texto, as cartas foram apresentadas. Os participantes então foram convidados a escolher uma carta para analisar criticamente seu relato de experiência, seja para identificar práticas opressivas, seja para reconhecer aspectos que fortalecem o diálogo libertador. Durante a atividade, várias cartas diferentes foram escolhidas e reflexões aprofundadas aconteceram. Destacamos alguns destes diálogos a seguir.

Um dos participantes, professor atuante no Oriente Médio, identificou aspectos de invasão cultural ao valorizar menos os conhecimentos locais frente às práticas hegemônicas de design em um curso ofertado para uma comunidade de artesãos na Turquia. Outros participantes também relataram como isso ocorre com frequência em trabalhos realizados com comunidades produtivas na região amazônica brasileira.

Percebendo pontos dialógicos de suas práticas, alguns participantes escolheram a carta Humildade (*Humility*), apontando a abertura para realmente ouvir e aprender com outros envolvidos: “Eu tentei estar aberta a desafios e incertezas. Foi uma posição muito interessante para mim, porque meu trabalho oficial na época era aconselhar/responder perguntas sobre as ‘melhores’ práticas na área da saúde mental. Eu estava muito desconfortável com o posicionamento desta ocupação/autoridade, por isso tentei facilitar espaços horizontais em meu trabalho”⁵.

Outro ponto foi o reconhecimento da importância de alguns conceitos, mas a dificuldade de implementá-los: “Práxis é um conceito muito importante, e muito difícil de ser implementado pelos designers. Parece que às

5 No original: *I tried to be open to challenge and uncertainty. It was a very interesting position for me, because my official job at the time was to advise/answer questions about the ‘best’ ways to practice in the area of mental health. I was very uncomfortable with the positioning of this job/authority, so I tried to facilitate horizontal spaces in my work.*

vezes estamos apenas em ação ou apenas em reflexão, tendo dificuldade de interagir com estes dois lados”⁶.

Quanto ao *feedback* no uso das cartas, como pode ser observado na Figura 3, os comentários dos participantes foram muito positivos. Muitos comentaram que ‘amaram’ o material. Respostas mais aprofundadas, seja no chat escrito ou por áudio durante a aula, apontaram para a importância dos conceitos para gerar reflexão crítica sobre as experiências pessoais. Também foi indicado como ponto positivo as cartas funcionarem como material de síntese e apoio nas leituras, como um participante declarou “Também gostei das cartas – lendo Freire não consegui resumir todos esses pontos para mim mesmo. Obrigado”⁷.

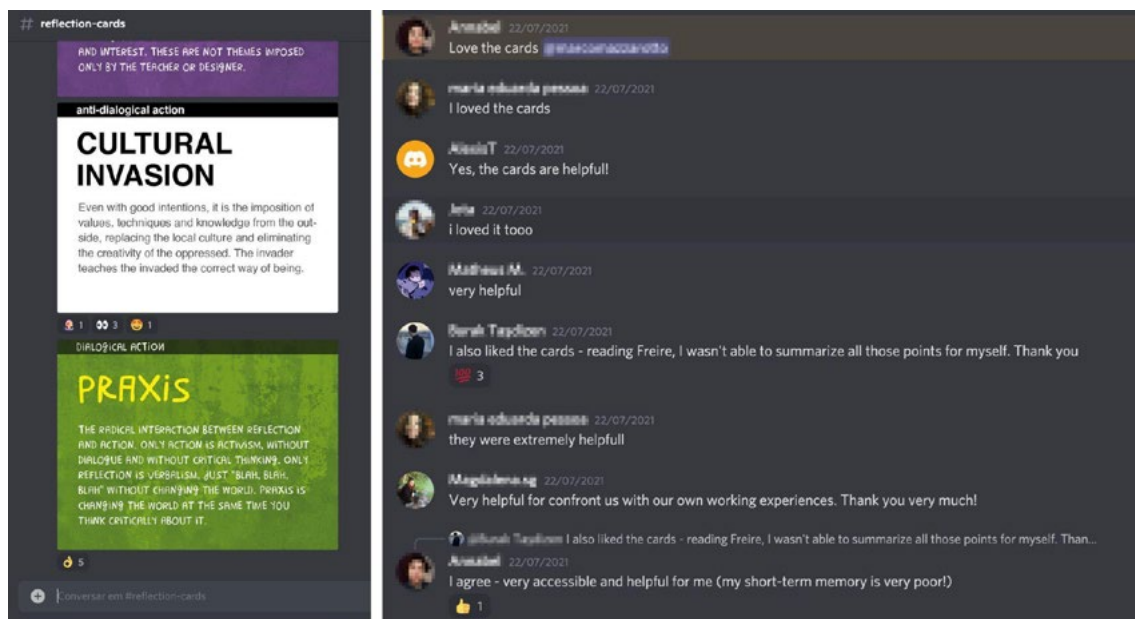


FIGURA 3. Captura de tela do curso online *Designs of the Oppressed* com comentários dos participantes sobre as cartas de reflexão.

Outra utilização, desta vez com as cartas na língua portuguesa, ocorreu em um encontro do Laboratório de Design Jurídico da USP, reunindo designers e estudantes de Direito engajados na criação de serviços para aumentar o acesso a direitos por parte de populações oprimidas. Até então, o Laboratório tinha como principal base teórica e prática o *design thinking*

- 6 No original: *Praxis is a very important concept, and very difficult for designers to implement. It seems that sometimes we are just in action or just in reflection, having difficulty interacting with these two sides.*
- 7 No original: *"I also liked the cards – reading Freire I wasn't able to summarize all those points for myself. Thank you."*

de Stanford, a partir da integração com a Rede Design e Opressão, outras referências foram propostas. O grupo recebeu bem as cartas como um artefato mediador de discussões mais críticas e politizadas sobre design, percebendo nesta proposta, inclusive, um alinhamento maior com seus objetivos. Todos os participantes conseguiram se conectar com pelo menos uma carta e analisar alguma experiência passada. Nesse caso, as cartas foram dispostas na plataforma colaborativa Miro (figura 4), e os participantes podiam navegar entre elas, colar notas e escolher uma carta para embasar a sua fala.

As falas mais recorrentes foram em torno dos conceitos de invasão cultural – refletindo sobre o atual predomínio, no mercado, de métodos de design importadas do Norte Global, assim como o uso cada vez maior de termos em inglês; sobre liderança anti-dialógica – quando surgiram críticas a participação em projetos nos quais não tiveram voz ativa, assim como autocríticas de participantes que reconheceram terem tido posturas anti-dialógicas, tendo como justificativa a preocupação com prazos e que se dessem muita abertura as coisas “não andariam”; e sobre educação bancária, tema no qual principalmente os participantes que ainda não tinham experiência com a práxis do Design conseguiram se identificar lembrando do ensino médio ou de suas graduações em Direito.

Quanto ao retorno dos participantes sobre o material educativo, o principal ponto positivo destacado foi a facilidade com a qual o material possibilita a introdução às relações entre Freire e Design e a mediação de discussões e análises críticas. Como ponto negativo, foi destacado a dificuldade de entender alguns conceitos apenas com a breve explicação presente na carta, crítica para a qual foi sugerido a inclusão de exemplos reais para ajudar a descrever cada carta ou a tentativa de tornar algumas explicações ainda mais didáticas para iniciantes.

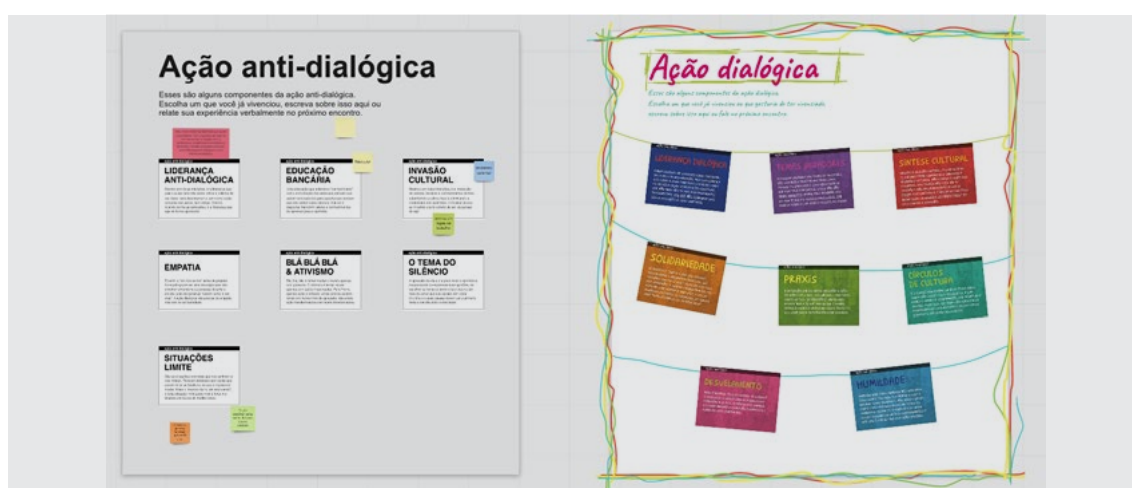


FIGURA 4. Captura de tela do software colaborativo Miro utilizado para mediar o uso das cartas.

6. Considerações finais

Dimensões políticas fazem parte do Design, estão presentes em nossas escolhas projetuais e em nossas bases teóricas. Os processos e produtos de design, que respondem e são conformados em uma relação dialética com diferentes modos de vida, são instrumentos na manutenção de opressões ou na luta por sua superação.

As cartas aqui propostas são um material educativo introdutório à pedagogia crítica aplicada ao Design que visa a problematização das nossas teorias e práticas na busca pelo desvelamento destas dimensões políticas.

As aplicações realizadas até agora demonstraram que o material atingiu seus objetivos, promovendo reflexões críticas entre os participantes e funcionando como uma aproximação aos conceitos da pedagogia crítica freireana. Entretanto, as cartas e conceitos podem ser ampliados para englobar outras reflexões de pedagogia crítica, assim como a inclusão de exemplos podem melhorar a sua compreensão. Também é necessário experimentar o material em diferentes contextos e com públicos mais amplos e diversos, a fim de investigar outras possibilidades de atividades e seus resultados.

É importante reforçar que o trabalho reflexivo proposto pelas cartas não termina em si mesmo e deve gerar respostas nas práticas projetuais e relacionais dos projetistas. Finalmente, esperamos que estas cartas possam mediar momentos de prazer e encorajamento, pois aprendemos com Freire que ensinar e aprender não pode acontecer fora da busca, da boniteza e da alegria.

Referências

CRUZ, C. **Brasilêro vernacular typeface**, 2021. Disponível em: <https://crystiancruz.myportfolio.com/brasileiro>

DA SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

EHN, P. **Work-oriented design of computer artifacts**. Arbetslivscentrum, Stockholm, 1988.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1968.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2007.

FREIRE, P., FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

FRY, T. **Book review: the archeworks papers**. Design Issues, n. 3, v. 23, 2007.

GREGOTY, J. **Scandinavian Approaches to Participatory Design**. Int. J. Engng Ed. v.19, n.1, 2003, pp. 62-74.

GRUSZYNSKI, A. **Design Gráfico do Invisível ao Ilegível**. 2AB, 2001.

HUSTWIT, G. **Helvetica** [Filme], 2007.

KOHAN, W. **Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Vestígio, 2019.

LEITÃO, R. **Pluriversal design and desire-based design: desire as the impulse for human flourishing**, in Pivot 2020: Designing a World of Many Centers – DRS Pluriversal Design SIG Conference, 2020.

SALAZAR, P. C., HUYBRECHTS, L.. **PD Otherwise Will Be Pluriversal (or It Won't Be)**. In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 – Participation(s) Otherwise – Volume 1 (Manizales, Colombia) (PDC '20). Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 2020, 107–115.

SCHULTZ, E., GARCIA, L. S., FERNANDES, L. A., PAIXÃO, M. R., KAWASAKI, F.; PEREIRA, R. **Cultivating Creative Coexistence(s): Towards a Critical Education for Creativity Praxis to Construct Fairer Human Coexistences**. In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 – Participation(s) Otherwise – Volume 1 (Manizales, Colombia) (PDC '20). Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 2020, 33–43.

SERPA, B. O., PORTELA, I., COSTARD, M.; BATISTA E SILVA, S. **Political-pedagogical contributions to participatory design from Paulo Freire**. In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 – Participation (s) Otherwise-Volume 2, 2020, 170–174.

SERPA, B. O., BATISTA, S. **Empatia x Solidariedade: proposta para a construção de práticas anticoloniais em Design**. Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design: de(s)colonizando o design, vol 1, 2021, 199-206.

SERPA, B. O., MAZZAROTTO, M. **Eva viu a uva? desvelando dimensões políticas em design com Paulo Freire** Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design: de(s)colonizando o design, vol 1, 2021, 154-158.

SMITH, R., WINSCHIERS-THEOPHILUS, H., LOI, D., KAMBUNGA, A. P., SAMUEL, M. M.; DE PAULA, R. **Decolonising Participatory Design Practices: Towards Participations Otherwise**. In Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 – Participation(s) Otherwise – Vol. 2 (PDC '20: Vol. 2), June 15–20, 2020,

VAN AMSTEL, F.; GONZATTO, R. G. **The anthropophagic studio: towards a critical pedagogy for interaction design**. Digital Creativity, 2020. <https://doi.org/10.1080/14626268.2020.1802295>

Como referenciar

MAZAROTTO, Marco; SERPA, Bibiana Oliveira. Cartas (anti) dialógicas: politizando a práxis do Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, Março 2022, pp. 171-194. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2022.64305>



A revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.